

Héllen Aparecida Carvalho

*A Terapia Floral com o uso dos Florais de Minas associada ao
atendimento psicopedagógico*

*Cabo Frio
24 de Novembro de 2002*

Com meu agradecimento às pessoas que direta ou indiretamente, permitiram com que fosse concluída esta pesquisa a partir da experiência real e não somente da teoria intelectual, primeiramente a Deus através da Dádiva das bênçãos dos ensinamentos deixados por Dr. Edward Bach (Pai da Terapia Floral) e especialmente a Dr. Breno Marques da Silva e Ednamara Batista Vasconcelos e Marques na oportunidade de conhecer de perto os estudos profundos relacionados à Terapia Floral.

Héllen Aparecida Carvalho

*A Terapia Floral com o uso dos Florais de Minas associada ao
atendimento psicopedagógico*

Trabalho final da disciplina
Metodologia do Trabalho
Científico, no 1º ciclo de Pós-
graduação Lato Sensu em
Psicopedagogia. Sob a orientação
da Professora Clara Sobral.

*Faculdade da Região dos Lagos
Cabo Frio – 24 de Novembro de 2002*

Sumário

Introdução.....	5
1 Conceitos Importantes na Psicopedagogia	8
1.1 O que é Psicopedagogia.....	8
1.2 A Formação do Psicopedagogo	9
1.3 O Diagnóstico Psicopedagógico.....	10
1.4 A Psicopedagogia Clínica.....	11
1.5 A Psicopedagogia Institucional	12
2 O Desenvolvimento da Personalidade.....	14
2.1 A Importância do Inconsciente para a Educação Individual	14
3 Os Processos da Aprendizagem.....	18
3.1 Vygotsky.....	19
3.2 Piaget	23
3.3 Distúrbios de Aprendizagem	25
4 A Psicanálise como Diagnóstico	27
4.1 Anamnese	27
4.2 A Contribuição dos Conhecimentos Psicanalíticos para a Psicopedagogia	28
5 A Terapia Floral.....	34
5.1 Mecanismo de Atuação dos Florais.....	36
5.2 A Terapia Floral Associada ao Atendimento Psicopedagógico	37
5.3 A Responsabilidade do Educador Perante o Educando.....	38
6 Os Florais de Minas	42
6.1 Repertoriando Algumas Essências	43
6.1.1 Fórmula de Aprendizado	43
6.1.2 Lavandula	44
6.1.3 Margarites.....	45
6.1.4 Rosmarinus	46
6.1.5 Lantana	47
6.1.6 Piperita.....	47
6.1.7 Sonchus.....	48
6.1.8 Taraxacum	49
7 Estudo de Caso	50
8 Conclusão	54
9 Bibliografia.....	56

INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa integrar as teorias da aprendizagem, a psicanálise e a terapia floral a Psicopedagogia com a intenção de ampliar a criança, o adolescente e o adulto no desenvolvimento das estruturas mentais que vão possibilitar sua melhor adaptação para a vida.

Desde algum tempo, a aprendizagem vem sendo tema de vários estudos feitos com a finalidade de buscar a maneira correta de ensinar para que as crianças tenham possibilidades de se tornarem cidadãos capazes e conscientes de sua missão durante a vida.

Sendo assim, essa aprendizagem não pode ser encarada apenas como o ensinar a ler e escrever, mas a abordagem de vários aspectos relacionados ao crescimento e desenvolvimento humano, permitindo à criança, vivenciar experiências que possam ajudá-la durante toda sua existência.

Programas de alfabetização têm sido idealizados para atender todos os tipos de crianças, desde as consideradas normais, até aquelas classificadas como deficientes ou com algum distúrbio de aprendizagem.

É comum percebermos a dificuldade de alguns alunos dentro de sala de aula em relação à aprendizagem. O que estaria faltando a eles para que a aprendizagem realmente se realizasse?

Quando se decide falar em aprendizagem, nos deparamos com conceitos variados, trabalhos extensos, várias pesquisas e poucas mudanças concretas no que diz respeito à prática pedagógica e psicopedagógica.

A realidade que encontramos, são inúmeras teorias que deveriam dar certo, em relação ao alto índice de repetência, de evasão e ainda de alunos que acumulam conteúdos ao invés de aprendê-los, a indisciplina e vários outros conflitos de personalidade. É bastante comum crianças que “decoram a matéria” para a prova e no mês seguinte não sabem mais nada, o que significa que a aprendizagem não ocorreu. Mas porque isso acontece? Onde está a falha?

Esta pesquisa nasceu da necessidade de se conhecer os fatores que influenciam o comportamento humano que podem prejudicar a aprendizagem e a apresentação de um tratamento alternativo complementar no auxílio dos conflitos comportamentais.

Para a explicação destes fatos precisamos recorrer às teorias de aprendizagem, à análise psicanalítica, que são um dos fatores que visam explicar a maneira como é adquirido o conhecimento da criança e o desenvolvimento da personalidade. A partir

daí, poder acrescentar um recurso alternativo, que é a terapia floral, visando o tratamento do ser humano como um todo. Os Florais de Minas vem como meio de auxílio para o tratamento psicopedagógico, no momento em que eles atuam nos aspectos emocionais em conflito observados na anamnese.

Tanto a criança quanto o psicopedagogo podem utilizar das essências florais como forma de cuidar de si mesmos, pois elas atuam no processo de conscientização, tornando mais rápida a recuperação.

O estudo de caso mostrado neste trabalho envolve as três áreas referidas acima e o uso dos Florais de Minas como tratamento.

Segue-se nas primeiras páginas aspectos gerais da psicopedagogia, sobre o desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem, a psicanálise como diagnóstico e sua associação com a terapia floral.

1 Conceitos Importantes na Psicopedagogia

1.1 O que é Psicopedagogia

A psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las. Como outras áreas da saúde, a psicopedagogia implica em um trabalho a nível preventivo e curativo. Na função preventiva, cabe ao psicopedagogo atuar nas escolas através de assessoria pedagógica ou em cursos de formação de professores, esclarecendo sobre o processo evolutivo das áreas ligadas à aprendizagem escolar (perceptiva motora, de linguagem, cognitiva, emocional), auxiliando na organização de condições de aprendizagem de forma integrada e de acordo com as capacidades dos alunos. O trabalho do psicopedagogo, em nível curativo, é dirigido às crianças, adolescentes e adultos com distúrbios de aprendizagem.

Psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação profissional bastante recente, facilitando conhecer a forma de aprender do sujeito.

Todo diagnóstico psicopedagógico é uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. É o esclarecimento de uma queixa, do próprio aluno, da família, da escola. Trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem. Nessa investigação, pretende-se obter uma compreensão global da forma de aprender do sujeito e dos desvios que estão ocorrendo nesse processo.

A psicopedagogia surgiu como norteadora dos procedimentos necessários ao trabalho com crianças que apresentam barreiras à sua aprendizagem. Através de estudos nas áreas da psicanálise, psicologia social e epistemologia genética, a psicopedagogia objetiva o reconhecimento das capacidades da criança visando retirar o obstáculo que a impede de aprender.

O estudo da psicopedagogia demonstra que não há uma relação causa-efeito sobre os fatores que obstaculizam a aprendizagem, mas, sim, há um contexto que envolve o ser aprendiz e o “objeto” a ser analisado e compreendido. Na análise do contexto, a aprendizagem e o ensino estão em consonância para a compreensão do processo de cada indivíduo. Ou seja, para cada sujeito haverá um processo singular, permeado por uma aprendizagem individual e social onde as estratégias de ensino estarão em acordo ou desacordo.

A análise e compreensão do contexto referem-se a relação da própria criança com a aprendizagem (vínculo positivo/ negativo), a sua modalidade de aprendizagem, a dinâmica da família a qual pertence e a instituição escolar que se encarrega de seu processo de aprendizagem sistematizado.

1.2 A Formação do Psicopedagogo

O psicopedagogo é um profissional pós-graduado, um multi-especialista em aprendizagem humana, que congrega conhecimentos de diversas áreas a fim de intervir neste processo seja para potencializá-lo ou para sanar possíveis dificuldades, utilizando instrumentos próprios da Psicopedagogia para este fim. A formação clínica é buscada geralmente fora do país, na Argentina ou na França, locais onde este conhecimento se encontra mais desenvolvido e, inclusive, regulamentado profissionalmente, o que ainda

não ocorre entre nós. Esta formação tem continuidade em sessões de supervisão e em grupos de tratamento psicopedagógico, nos quais investe no conhecimento de seu próprio processo de aprendizagem.

1.3 O Diagnóstico Psicopedagógico

A técnica de investigação diagnóstica começa com a Entrevista Operativa Centrada na aprendizagem, de onde se extrai um 1º sistema de hipóteses e se define a linha de pesquisa. São então selecionadas as provas piagetianas para o diagnóstico operatório, as provas projetivas psicopedagógicas e outros instrumentos de pesquisa complementares.

A partir da análise desses dados, elabora-se o 2º sistema de hipóteses e organiza-se a linha de pesquisa para a anamnese (entrevista com os pais), e entrevista com a escola (professor e orientação escolar).

Por fim, o psicopedagogo, conclui seu 3º sistema de hipóteses, levantando as causas das dificuldades na aprendizagem e, posteriormente, fazendo a devolutiva aos pais e ao sujeito, indicando-se os agentes corretores ideais e possíveis.

Importante destacar que no processo diagnóstico, dependendo do caso, tem a interferência de outros profissionais, como: médico neurologista, psicólogo, terapeuta floral, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional. Portanto, exige um trabalho multidisciplinar.

O trabalho psicopedagógico pode assumir feição preventiva ou terapêutica e estar relacionado com equipes ligadas aos campos da Educação e Saúde. Evoluiu a

partir de uma demanda da sociedade, que passou a valorizar a aprendizagem a partir de paradigmas integradores e geradores de sínteses, e tem respondido a ela com uma práxis que busca responder às necessidades de compreensão do ser humano em toda sua complexidade, com ampla aceitação nos mais diversos segmentos da comunidade.

1.4 A Psicopedagogia Clínica

A Psicopedagogia clínica trata das questões insuficientes dos alunos em relação à aprendizagem e que pode ser analisada por diferentes perspectivas envolvendo a sociedade, a escola e o aluno. Para isso devem ser levados em conta os aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos.

Tem como objetivo promover a reelaboração do processo de aprendizagem do sujeito que apresenta dificuldades, desenvolver no sujeito o prazer de aprender, propiciando condições para que ele desenvolva sua autonomia.

A investigação é feita através de métodos clínicos, trabalhos com hipóteses, seleção de amostras, tratamento estatístico (optativo) e supervisão.

Através de uma entrevista entre o paciente e seus pais, o psicopedagogo clínico pode analisar mais de perto os conflitos existentes que estão levando seu paciente ao fracasso escolar e assim usar de todos os artifícios disponíveis e aceitáveis, intervindo e buscando a melhor forma de remover as causas profundas que levaram ao quadro de não aprendizagem.

1.5 A Psicopedagogia Institucional

À instituição escolar caberia trabalhar com o processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades de raciocínio lógico, solução de problemas, apropriação de conhecimentos vitais ao indivíduo e a coletividade... enfim, preparar o sujeito para o futuro, baseando nos saberes passíveis de adaptação e atualização que as incertezas provocam. Ou seja, trabalhar com o “como pensar” e não o “que pensar”.

Através dos estudos realizados baseando-se na psicopedagogia institucional pôde-se observar quais os aspectos que, pertencentes ao processo de “ensinagem”, estavam obstaculizando o processo de aprendizagem de muitas crianças.

Torna-se difícil, num primeiro momento, citar os aspectos que podem se efetivar como entraves à aprendizagem e à participação das crianças; pois, como cada processo é individual (do ponto de vista do aluno), também será bastante particular a cada grupo (do ponto de vista da instituição).

À escola cabe ensinar, isto é, garantir a aprendizagem de certas habilidades e conteúdos/conhecimentos que são necessários para a vida em sociedade. Oferecendo instrumentos de compreensão da realidade local e, também, favorecendo a participação dos educandos em relações sociais diversificadas e cada vez mais amplas. A vida escolar possibilita exercer diferentes papéis, em grupos variados, facilitando a integração dos jovens no contexto maior.

Para cumprir sua função social, a escola precisa considerar as práticas de nossa sociedade, sejam elas de natureza econômica, política, social, cultural, ética ou moral.

Tem que considerar também as relações diretas ou indiretas dessas práticas com os problemas específicos da comunidade local a que presta serviços.

As escolas existem para agir no mundo, na sociedade e na história. Agir planejadamente, intencionalmente, e, por isto, com direção. A escola constitui-se em uma organização sistêmica aberta, conjunto de elementos, que interagem e se influenciam mutuamente, conjunto esse relacionado, na forma de troca de influências, ao meio em que se insere.

Dessa forma, qualquer mudança em qualquer dos elementos da escola produz mudança nos outros elementos, mudança essa que provoca novas mudanças no elemento iniciador, e assim sucessivamente.

Tendo por linha de ação envidar todos os esforços para assistir a escola, os professores, os pais, não para resolverem o problema imediato, mas sim a desenvolverem, por meio da resolução desse problema, novas habilidades, percepções, entendimentos; o enfoque da consultoria é o desenvolvimento da escola como organização, pelo desenvolvimento dos seus recursos humanos, a fim de que, gradativamente, se torne mais eficiente na realização do processo educativo.

A intervenção psicopedagógica institucional, em seu processo, tem como fins últimos a auto-análise e a autogestão. Uma vez o grupo encontrando o caminho para localizar/ identificar suas barreiras à aprendizagem e à participação e, promovendo sua superação, encontrar-se-á finalizado o trabalho da intervenção psicopedagógica.

2 O Desenvolvimento da Personalidade

2.1 A Importância do Inconsciente para a Educação Individual

De acordo com Carl G. Jung existem pontos de vista fundamentais da psicologia analítica, que devem ser tomados em conta no julgamento da psique infantil e especialmente da criança em idade escolar. Portanto é de inteira responsabilidade a boa estruturação escolar que é confiada aos educadores da geração futura. Tais conhecimentos podem ajudar aos professores a conseguirem uma atitude mais compreensiva em relação à vida psíquica da criança. Este conhecimento está destinado às pessoas adultas e não às crianças. É na criança que se dá o desenvolvimento da consciência. Nos primeiros anos de vida quase não se verifica consciência alguma, apesar de que já muito cedo seja evidente a existência de processos psíquicos. Mas esses processos não estão relacionados a nenhum “eu”, não têm um centro e por isso carecem de continuidade, sem a qual é impossível a consciência. Provém daí o fato da criança também não Ter memória no sentido usual, apesar da plasticidade e receptividade para as impressões, de que está dotado seu órgão psíquico. Somente quando a criança começa a dizer “eu” é que tem começo a continuidade da consciência.

Durante os primeiros anos de vida percebe-se claramente na criança como a consciência se vai formando por um agrupamento gradual de fragmentos. Este processo propriamente nunca cessa no decurso da vida inteira. A partir, porém, da pós-adolescência torna-se cada vez mais lento, e desde então é sempre mais raro que novas partes da esfera inconsciente venham juntar-se à consciência. Este processo propriamente nunca cessa no decurso da vida inteira. A partir, porém, da pós-adolescência torna-se cada vez

mais lento, e desde então é sempre mais raro que novas partes da esfera inconsciente venham juntar-se à consciência.

É importante o período que vai do nascimento até o término da puberdade psíquica, que para o homem, em nosso clima e em nossa raça, pode estender-se até os vinte e cinco anos e na mulher termina antes, aos dezenove ou vinte anos, justamente nesse período ocorre o maior e mais intenso desenvolvimento da consciência. Este desenvolvimento estabelece vínculos fortes entre o “eu” e os processos psíquicos até então inconscientes, e também os separa nitidamente do inconsciente. Deste modo emerge a consciência a partir do inconsciente.

Pela educação e formação das crianças deve-se procurar auxiliar este processo. A escola é apenas um meio que procura apoiar de modo apropriado o processo de formação da consciência. Sob este aspecto, cultura é a consciência no grau mais algo possível.

O que aconteceria se não tivéssemos escolas e se deixássemos as crianças entregues a si mesmas, deveríamos então responder: As crianças continuariam inconscientes em grau muito maior. E o que se nota de especial nesse estado de coisas? Seria um estado primitivo, o que significa que quando tais crianças chegassem à idade adulta não passariam de primitivos, apesar de toda a inteligência natural de que dispõem; seriam apenas “selvagens”, como qualquer membro de uma tribo inteligente.

De maneira nenhuma seriam meros bobos, mas apenas inteligentes por instinto; seriam ignorantes e, por isso, inconscientes quanto a si e ao mundo.

A criança se desenvolve a partir de um estado inicial inconsciente e semelhante ao do animal, até atingir a consciência: primeiro a consciência primitiva e, a seguir, gradativamente, a consciência civilizada.

O estado inconsciente de si mesmo, que se estende pelos dois ou três primeiros anos de vida, pode ser comparado ao estado psíquico animal. É o estado em que o indivíduo se acha como que inteiramente fundido com as condições do meio ambiente. Do mesmo modo que a criança na fase embrionária quase não passa de uma parte do corpo materno, do qual depende completamente, assim também de modo semelhante à psique da primeira infância, até certo ponto, é apenas da psique materna e, logo depois, também da psique paterna, em consequência da atuação comum dos pais.

Daí provém o fato de que as perturbações nervosas e psíquicas infantis, até muito além da idade escolar, por assim dizer, se devem exclusivamente a perturbações da esfera psíquica dos pais. Dificuldades no relacionamento dos pais entre si se refletem na psique da criança, podendo produzir nela perturbações até mesmo doentias.

O psicopedagogo ao detectar um distúrbio nervoso na criança, agirá corretamente se procurar primeiro os pais da criança e indicar-lhes um tratamento com um profissional capacitado, a fim de chamar-lhes seriamente a atenção para seu estado psíquico como: seus problemas, a maneira como vivem ou deixam de viver, as suas aspirações etc, estão afetando inconscientemente na psique de seus filhos.

A escola porém, é a primeira parte do grande mundo real; ela procura ir ao encontro da criança para ajudá-la a desprender-se, até certo ponto, do ambiente da casa paterna. A criança tem naturalmente frente ao professor o modo de adaptação aprendido

do pai; projeta sobre ele a imagem paterna. Por isso o professor ou o psicopedagogo precisa abrir sua personalidade à criança ou, ao menos, dar a oportunidade a este acesso.

“O inconsciente é como a terra do jardim, da qual brota a consciência. A consciência se desenvolve a partir de certos começos, e não surge logo como algo de completo e acabado.” (JUNG, 1990: 55).

3 Os Processos da Aprendizagem

Desde algum tempo, a aprendizagem vem sendo tema de vários estudos feitos com a finalidade de buscar a maneira correta de ensinar para que as crianças tenham possibilidades de se tornarem cidadãos capazes e conscientes de sua missão durante a vida.

Sendo assim, essa aprendizagem não pode ser encarada apenas como o ensinar a ler e escrever, mas a abordagem de vários aspectos relacionados ao crescimento e desenvolvimento humano, permitindo à criança, vivenciar experiências que possam ajudá-la durante toda sua existência.

Programas de alfabetização têm sido idealizados para atender todos os tipos de crianças, desde as consideradas normais, até aquelas classificadas como deficientes ou com algum distúrbio de aprendizagem.

É comum se perceber a dificuldade de alguns alunos dentro de sala de aula em relação à aprendizagem. O que estaria faltando a eles para que a aprendizagem realmente se realizasse?

Quando se decide falar em aprendizagem, nos deparamos com conceitos variados, trabalhos extensos, várias pesquisas e poucas mudanças concretas no que diz respeito à prática pedagógica e psicopedagógica.

A realidade que se encontra, são inúmeras teorias que deveriam dar certo, em relação ao alto índice de repetência, de evasão e ainda de alunos que acumulam conteúdos ao invés de aprendê-los. É bastante comum crianças que "decoram a matéria"

para prova e no mês seguinte não sabem mais nada, o que significa que a aprendizagem não ocorreu. Mas porque isso acontece? Onde está a falha?

Para a explicação destes fatos precisa-se recorrer às teorias de aprendizagem, que visam explicar de maneira como é adquirido o conhecimento da criança.

3.1 Vygotsky

Vygotsky dedicou-se ao estudo da psicologia como ciência natural e psicologia experimental, experimentação, divisão do fenômeno em partes simples para facilitar a análise (base=corpo). A psicologia como ciência mental, mais próxima às ciências humanas (consciência, espírito, alma, emoções, processos psicológicos superiores) abordagem global e subjetiva, não se preocupando com a divisão do fenômeno. Ele interessou-se por compreender os mecanismos psicológicos mais sofisticados e mais complexos. Vygotsky afirma que as atividades psicológicas possuem um suporte biológico porque são produtos da atividade cerebral, não só. O funcionamento psicológico fundamentado nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, aos quais desenvolvem-se num processo histórico. A relação homem/mundo deixa de ser direta e passa a ser uma relação mediada por sistemas simbólicos. Para ele existem dois tipos de elementos mediadores que são os instrumentos e os signos.

O homem utilizava-se de instrumentos em épocas primitivas que era feito especialmente para um certo objetivo e era usado para uma certa finalidade de trabalho. Por exemplo, se o homem necessitasse matar um animal para se alimentar, ele utilizava a faca como instrumento, ampliando as possibilidades de transformação da natureza.

Um outro elemento mediador é o signo que possibilita o ser humano a pensar em objetos ausentes, agindo assim no campo psicológico ao contrário dos instrumentos que auxiliam nas ações concretas. O signo é uma marca externa, que auxilia o homem em tarefas que exigem memória ou atenção.

Numa sala de aula, o professor quer explicar aos alunos o que significa e para que é usada tal coisa. Ele pode referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes. Como por exemplo, o signo “casa”.

Ao se referir a este signo, a criança imediatamente tem em mente um modelo de casa que ela imagina. A criança facilmente entendeu o significado, porque o signo “casa” foi interpretado como representação da realidade.

Portanto a memória mediada por signos é, pois mais poderosa que a memória não mediada. Quando se utiliza signos nos processos de aprendizagem podemos notar que a criança focaliza sua atenção em um objeto, evento ou situação, possibilitando um comportamento mais controlado na sua definição, ou seja, uma visão direcionada ao verdadeiro significado, desenvolvendo assim suas funções psicológicas superiores. É importante lembrar que em certos casos, este processo de mediação por signos, só poderá ser utilizado em crianças a partir de oito anos

Este argumento de Vygotsky afirma que a utilização de marcas externas vai transformar em processos internos de mediação; esse mecanismo é chamado de processo de internalização. Quando o indivíduo representa mentalmente um conjunto de signos e ocorre este processo, ele se liberta do mundo concreto, ou seja, suas representações mentais o libertam do mundo real. Mesmo assim, a relação com o

mundo não é direta, ela continua sendo mediada pelos signos que passaram a ser internalizados.

É a partir de sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização do real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signos) o qual consistirá numa espécie de “código” para decifração do mundo.

As crianças quando nascem recebem informações particulares que as fazem desenvolver e agir de acordo com estes modos culturalmente construídos, diferenciando-se assim, uma das outras. A influência deste mundo social se dá por meio de processos que ocorrem em diversos níveis e é esta interação que constrói o ser humano. Este desenvolvimento se dá “de fora para dentro”.

De acordo com este conceito, o professor deverá perceber que cada criança possui uma bagagem lingüística própria, que não pode ser desprezada. A criança se desenvolverá a partir de novos conhecimentos adquiridos de acordo com as informações recebidas do meio social de onde ela vive e também de onde ela veio. Para Vygotsky o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social e, portanto histórico.

A aquisição da linguagem definirá um salto qualitativo no desenvolvimento do ser humano. A linguagem facilita este intercâmbio social, pois ela é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos que necessitam da comunicação. São os signos que traduzem idéias, sentimentos, vontades, pensamentos, etc.

Uma outra função da linguagem é a de pensamento generalizante. O professor pode citar um conceito: por exemplo, a palavra roupa. Cada aluno compreende este signo de acordo com sua imaginação, mas o sentido real da palavra é generalizado, tornando assim a linguagem um instrumento de pensamento. Na evolução do indivíduo existe uma fase pré-verbal que permite a ação no ambiente sem a mediação da linguagem. Por exemplo, a criança se comunica com o choro, o riso que são manifestações verbais, sem dominar a linguagem. Só depois a fala torna-se intelectual, com função simbólica, generalizante, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem.

No significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal, formando a unidade das duas funções básicas da linguagem, o intercâmbio social e o pensamento generalizante. De acordo com isso é importante prestar atenção que o processo de aquisição da linguagem pela criança, pois ela tem uma tendência a generalizar significados. Por exemplo, a palavra “lua”, a criança pode aplicar essa palavra a todo foco de luz que se assemelha à lua. É necessário que o professor colabore neste processo de desenvolvimento, a partir de definições e referências, ajudando a criança a desenvolver significados cada vez mais próximos do grupo cultural e lingüístico de que faz parte através do contato verbal com outras crianças e adultos durante a aprendizagem escolar.

O sentido da palavra liga seu significado objetivo ao contexto de uso da língua e aos motivos afetivos e pessoais de seus usuários, isto é, a palavra varia conforme a pessoa que a utiliza e o contexto em que é aplicada.

Neste conceito de linguagem existe o discurso interior e a fala egocêntrica. O discurso interior é uma espécie de diálogo consigo mesmo. E a fala egocêntrica é o discurso da criança quando dialoga alto consigo própria, quando “fala sozinha” ou “pensa alto”.

Para Vygotsky, o surgimento da fala egocêntrica, com essa função claramente associada ao pensamento, indica que a trajetória da criança vai de fato, dos processos socializados para os processos internos.

3.2 Piaget

De acordo com Piaget o meio social não atua sempre do mesmo modo sobre a criança, mas depende da sua etapa de desenvolvimento. Apesar da sua grande importância, as transmissões sociais e educativas não são consideradas por Piaget como suficientes, para explicar as construções cognitivas. A linguagem é um dos processos de desenvolvimento mais influenciado pelas transmissões sociais, pois faz parte de uma capacidade mais ampla, a de representar coisas ausentes mediante significações manipuladas em pensamento. Não é porque as pessoas conversam com a criança que ela aprende de uma só vez a falar. Ao contrário, as conquistas são progressivas. Ao mesmo tempo em que a criança age, ela fala, pois no início do seu desenvolvimento, a linguagem está muito próximo da ação.

É imprescindível que o adulto converse com as crianças contando-lhes coisas, e as ouça para conhecer o que elas pensam, pois é nesse contexto que a linguagem evolui. Porém, há sempre limites e esses surgem das possibilidades de assimilação.

As tradições culturais e as transmissões educativas podem variar de uma sociedade para outra, de um meio ambiente para outro, acelerando ou retardando o desenvolvimento das conquistas. Durante o período da escolarização podemos constatar que informações transmitidas são repetidas pelas crianças sem serem entendidas. Isso gera vários conflitos e complexos afetivos. A criança adquire falta de autoconfiança e perde a capacidade de criar e descobrir coisas novas, rejeitando qualquer coisa que lembre escola ou estudo. Para Piaget isto principia um atraso no desenvolvimento das estruturas cognitivas, porque se os processos construtivos não evoluem, a reversibilidade própria das operações concretas não se efetiva, causando dificuldades de raciocínio e problemas na construção da personalidade das crianças.

Piaget valoriza a cooperação, ou seja, a possibilidade de operar em conjunto, de cooperar com o outro, pois em sociedade, vida é convivência. O objetivo da educação intelectual não é saber repetir ou conversar verdades acabadas, pois uma verdade que é reproduzida não passa de uma semiverdade. O papel do professor com as crianças é de fazê-las compreender as coisas em lugar de impô-las. Não impor regras antes que estas sejam inteiramente compreensíveis e tratar de fazê-las compreender a partir da própria experiência.

Para Piaget vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis. Tal aspecto diz respeito aos interesses, motivações, afetos, facilidades, esforço, ou seja, ao conjunto de sentimentos que acompanham cada ação realizada pela criança. A afetividade é o motor das condutas. Ninguém se esforçará para resolver um problema de matemática, se não se interessar por tal disciplina, para haver tal interesse é necessário que haja o esforço.

A aprendizagem nada mais é que um setor do desenvolvimento cognitivo porque se refere a tudo o que a criança recebe em situações específicas de transmissões educativas. Quando não há uma assimilação ativa, a compreensão torna-se extremamente difícil, justificando tantos “esquecimentos”.

3.3 Distúrbios de Aprendizagem

Para se entender o que caracteriza um distúrbio de aprendizagem, toma-se por referência o desenvolvimento normal de acordo com a teoria de Piaget.

A teoria de Piaget, como vimos anteriormente é uma teoria da inteligência ou do desenvolvimento cognitivo – especificamente de como se adquire e se desenvolve o conhecimento.

Obviamente a criança não é simplesmente um ser cognitivo; ela é também um ser social, um membro de uma classe, de uma família, de um sexo, de uma raça, de um status sócio-econômico, de um tempo, e de uma grande variedade de outras coisas.

Embora o trabalho de Piaget dê enfoque ao desenvolvimento cognitivo, ele também se preocupa com todos os outros aspectos do desenvolvimento como o emocional, moral e assim por diante.

Desenvolvimento cognitivo é um processo contínuo que começa com o nascimento e que Piaget divide em quatro períodos amplos. São eles em ordem de ocorrência:

- a) Período sensório motor, de 0 a 2 anos;

- b) Período Pré-operacional, de 2 a 7 anos;
- c) Período das operações concretas, 7 a 11 anos;
- d) Período das operações formais, de 11 a 15 anos.

Esses períodos não são independentes e não-relacionados. O desenvolvimento tanto é contínuo quanto descontínuo. Contínuo significa que cada desenvolvimento subsequente baseia-se no desenvolvimento anterior incorporando-o e transformando. Descontínuo, nesse caso, significa que as mudanças qualitativas ocorrem de um estágio para outro. Conseqüentemente, os períodos de desenvolvimento estão funcionalmente relacionados e fazem parte de um processo contínuo.

Todas as crianças normais, surdas, cegas e retardadas parecem atravessar estágios piagetianos na mesma ordem, sem pular estágios. Os ritmos de desenvolvimento podem ser diferentes portanto, não podemos considerar somente o fator idade.

4 A Psicanálise como Diagnóstico

4.1 Anamnese

A Psicanálise nada mais é do que uma anamnese algo complicada e profunda. A anamnese se baseia na informação dos familiares e nas respostas que o paciente dá ao ser interrogado. O psicanalista faz naturalmente sua anamnese de forma tão cuidadosa quanto qualquer outro especialista. Mas isto não é análise, e sim apenas anamnese.

Num conhecimento superficial da literatura psicanalítica, afirma que a psicanálise é um método de sugestão através do qual se inculca no paciente uma espécie de sistema de aprendizagem que produzirá curas. Ao contrário da terapia sugestiva, o psicanalista se esforça para não impor ao paciente aquilo que ele não vê ou percebe como evidente. A psicanálise depende do paciente e de sua força julgadora já que a essência da análise consiste em levá-lo ao conhecimento de si mesmo.

O psicanalista evita argumentar com o paciente, devendo naturalmente ouvir e anotar os conflitos conscientes e os problemas do paciente, mas não para satisfazer seus desejos e dar-lhes sugestões e conselhos. A análise não resolve os problemas de um neurótico por conselhos e raciocínio consciente. Ela procura superar as perturbações da psique neurótica a partir do inconsciente e não do consciente. Para isto tem-se que contar naturalmente com os conteúdos conscientes do paciente, pois só é possível atingir o inconsciente dessa forma.

Os conteúdos conscientes pelos quais se deve começar o trabalho psicanalítico são inicialmente os materiais fornecidos pela anamnese. Na maioria dos casos esses materiais fornecem os pontos de referência que esclarecem o paciente sobre a origem

psicológica de seus sintomas. A partir daí, são trazidos à tona problemas que precisam de uma discussão especial. Este trabalho pode e deve durar várias sessões. Termina-se com a formulação do problema que se mostra quase sempre insolúvel.

4.2 A Contribuição dos Conhecimentos Psicanalíticos para a Psicopedagogia

Sigmund Freud, médico, neurologista, cientista e pesquisador preocupou em estudar e encontrar as causas dos distúrbios mentais e tentou explicá-los. Através do atendimento clínico, analisando seus pacientes, sistematizou sua teoria sobre o inconsciente, a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, as instâncias psíquicas, o desenvolvimento da personalidade e vários outros estudos mostrando a complexidade da mente humana.

Desenvolveu o estudo da Psicanálise, ou seja, um procedimento para investigação de processos mentais que são quase inacessíveis, por qualquer outro modo, um método baseado nesta investigação, para o tratamento de distúrbios neuróticos e uma coleção de informações psicológicas obtidas neste sentido. O principal campo de sua atuação são as neuroses mais brandas - histerias, fobias e estados obsessivos; e nas malformações do caráter e inibições ou anormalidades sexuais, podendo trazer acentuadas melhorias ou mesmo recuperações. A influência terapêutica da psicanálise é tornar conscientes fatos inconscientes, onde estão armazenadas a origem de vários problemas.

O sujeito falado pela Psicanálise se faz presente em sonhos, atos falhos, lapsos de linguagem, tropeços de fala e nos percalços da vida cotidiana, sempre fiel a sua divisão, da qual não pode livrar-se, a não ser pagando o preço da exclusão de seu

próprio meio. Deverá responder por sentimentos, desejos, postura e conseqüência dos atos que assume, frente às determinações impostas por sua história de vida.

O caráter universal de certo número de situações que ocorrem na infância, tais como o desmame, a rivalidade fraterna e o Complexo de Édipo, fazem delas um potencial patogênico e uma fonte de frustração. Porém, tais situações só revestem um trauma ou conflito interno de uma significação específica e tornam-se fonte de problemas neuróticos, quando de um contexto emocional particular.

A originalidade da Psicanálise foi ter abordado a estrutura e a etiologia da neurose- forma de elaboração anormal dos estímulos emocionais - sob a perspectiva do conflito psíquico interno. Não se trata de conflito no sentido psicológico clássico, cujas dificuldades em que se encontra o sujeito é explicada pela inadequação entre seus instintos e necessidades e sua relação com a realidade. No sentido psicanalítico, o conflito intrapsíquico tira seu conteúdo dessas situações, mas não se torna verdadeiramente um conflito, senão quando as condições externas são interiorizadas pelo sujeito, ou seja, quando os elementos do conflito, são representados sob a forma de uma realidade psíquica. A solução de tais conflitos depende de uma reestruturação interna da personalidade e não de uma adaptação às circunstâncias exteriores. A solução desses conflitos interiorizados conduz também a formação de modelos de conduta e do modo de reação que são específicos de toda personalidade concreta.

A Psicanálise concede a cada um o domínio que gostaríamos que permanecesse ignorado. A revelação do recalcado, mesmo quando feita de modo superficial e intelectualizado, não pode senão provocar resistências conscientes e inconscientes.

Há tempos que os motivos pelos quais as pessoas resistem à Psicanálise foram esclarecidos. São dois os obstáculos principais: o primeiro seria a falta de hábito de contar com o determinismo da vida mental.

O psicanalista recusa-se a considerar a consciência como a essência da vida psíquica, sendo aquela uma simples qualidade. Isto equivale a dizer que toda conduta humana e o sintoma neurótico são, em grande parte, influenciados pelas motivações que escapam ao nosso conhecimento consciente. Uma significação latente deve ser tirada de nossas ações manifestas, de nossos sonhos e fantasias. Todo esforço do psicanalista é orientado para a descoberta dessas significações inconscientes, mediante o uso de várias técnicas, tais como as associações livres, permitindo, assim, um encadeamento pleno de significação dos acontecimentos aparentemente fortuitos e independentes.

A atitude neutra do psicanalista, sua imparcialidade, bem como a recusa em se deixar apanhar pelo jogo do analisando ou a responder às suas fantasias criam uma nova situação. Em outras palavras, a dinâmica analítica permite o paciente trazer à tona o clima inconsciente e as reações a seus conflitos psíquicos precoces (transferência) e, desse modo, reconhecer a base inconsciente de sua conduta e de seus sintomas. Assim, o paciente torna-se capaz de instaurar novos mecanismos de defesa menos estereotipados e compatíveis com um funcionamento não-neurótico de seu psiquismo.

Depois de Freud ter desvendado a existência do inconsciente, da sexualidade infantil, e a importância do amor, a Humanidade não é mais a mesma. Freud percebeu que toda a carga emocional, não podendo seguir seu curso normal em direção à consciência, mudava de rumo; surgindo daí os sintomas de perda de memória. Sua técnica consistia em desobstruir o curso natural. A pessoa voltaria a se lembrar e, ao se

acostumar com as lembranças, a dor e os sintomas desapareceriam. Aconteceu o inusitado. Seus pacientes, no início, seguiam seus conselhos, se esforçando por lembrar acontecimentos traumáticos. Porém, na medida em que se passavam as sessões, os pacientes, começaram a se afeiçoar a Freud e a se apaixonar por ele.

Ele pensou:

“Ora, esses sentimentos não podem ser dirigidos a mim. Não sou tão interessante assim e nada estou fazendo para provocá-los, logo são sentimentos dirigidos à outra pessoa e que estão sendo transferidos para mim. Claro, são sentimentos que tiveram na infância, com os seus pais. Não preciso mais que o paciente se lembre de nada, não preciso mais ir ao passado porque o passado veio a mim. Não como lembrança, mas na forma de sentimentos vivos, atuais, mais vibrante que qualquer recordação. Se eu conversar com o paciente sobre estes sentimentos, reconstruirei toda a sua história, as razões que o levaram ser aquilo que se tornou. Compreenderá com a sua mente adulta de hoje estes sentimentos infantis e ele, paciente, os transformará, fazendo com que estes sentimentos inconscientes se tornem conscientes, eliminando assim os sintomas que o incomodam”.
(FREUD, in Jung, 1990:159)

A ação do profissional de psicanálise pode, agora, ser compreendida. O psicanalista não deixará o sujeito livre para dar vazão aos seus instintos, como propagam algumas pessoas... Demonstrem um temor de gerar, com tal tratamento, uma desrepressão dos desejos inconscientes. Como estes estão muitas vezes ligados à sexualidade, abrir-se-ia uma porta que ameaçaria a própria pessoa e a comunidade, ficando totalmente à mercê de desejos incontroláveis, sem possibilidades de escolha. Entretanto, isso é uma ilusão, pois mesmo o mito do selvagem que teria liberdade total para fazer o que bem desejasse caiu por terra ao se verificar que existem leis que comandam a vida instintiva em todas as sociedades, impondo regras elementares e complexas muito rígidas sobre as relações amorosas entre os parentes e os membros da comunidade. Outros temores comuns seriam o medo de mudanças independentes da

vontade, como por exemplo, o artista que perde sua inspiração, e pessoas casadas que temem uma separação conscientemente indesejada.

A Psicanálise é uma disciplina que tem sido paralela e complementar a todo o trabalho que busca a compreensão do ser humano, auxiliando a rever impressões primitivas que cada sujeito tem sobre si mesmo. Dentro do trabalho Psicopedagógico associado à terapia floral se faz necessário e obrigatório o conhecimento e o uso das teorias psicanalíticas como forma de compreender e até mesmo sanar qualquer distúrbio de aprendizagem. Nada se apresenta somente aparentemente, tudo tem uma causa para existir.

Como por exemplo: Uma criança que apresenta traços fortes de timidez, dificuldade de se expressar, medo de se relacionar com pessoas desconhecidas, encontra dificuldades de socialização em uma sala de aula e conseqüentemente problemas de aprendizagem. Se por acaso esta criança for encaminhada a um profissional com conhecimentos psicanalíticos, e este caso for estudado profundamente, com certeza muitos fatores desconhecidos aos olhos de um professor, poderão ser trazidos à tona, pelo psicólogo ou psicopedagogo e a partir daí procurar a melhor solução para o conflito.

Sabe-se que, por circunstâncias diversas e adversas, um indivíduo pode nos mostrar estranhas e diferentes defesas, não representativas de sua essência verdadeira e profunda. E é nesse ponto peculiar que devemos valorizar a Psicanálise, por nos oferecer um paciente, mas consciente. Entretanto, as pessoas envolvidas no processo de compreenderem o comportamento humano - médicos, professores, psicólogos, terapeutas, psicopedagogos, entre muitos outros - podem, muitas vezes, se perderem

tentando compreender essas mesmas características básicas, ou cobrando até de pais uma resposta a elas (sintomas próprios, sinais de um momento anterior às defesas que necessitam sim, serem trabalhadas) algo que possuímos que é muito simples - traços puros de nossa individualidade, motivo deste trabalho.

Somente conhecendo nossa organização psicológica e mental, as qualidades e deficiências que obstruem ou dificultam a evolução consciente, poderemos dirigir, com acerto, nosso processo de amadurecimento. O esforço na intensificação deste conhecimento conduzirá ao melhor aproveitamento das energias e aguçará nossas percepções internas, já que nenhum aspecto ou detalhe da vida interior haverá de passar despercebido à observação perseverante e consciente. Isto nos ajudará a aperfeiçoar tudo o que seja possível em nós, o que implicará, além de um maior acúmulo de conhecimentos, em avanço real, permitindo superar, ao máximo, as condições anímicas e psicológicas.

5 A Terapia Floral

A Terapia Floral surgiu na década de trinta, no País de Gales, através dos estudos do médico inglês Dr. Edward Bach. Ele construiu as bases de sua medicina, baseada na cura através de essências de flores. Após se decepcionar com o tratamento convencional resolveu criar um novo sistema de tratamento. Esse novo sistema deveria ser simples, mas muito eficaz para cuidar não da doença, mas do ser humano como um todo. Determinado em sua busca Dr. Bach vendeu todos os seus bens e mudou-se para uma fazenda no interior de Londres.

Após muita reflexão ele percebeu que estava rodeado de plantas floridas, e de alguma forma esse foi seu grande insight. Ele começou a estudar profundamente as plantas, percebendo que a planta tira de seu meio uma grande lição, e que a flor é a consequência de tal processo. Observou também que cada planta tem um comportamento próprio. Edward Bach percebeu que as flores das plantas poderiam ajudar o ser humano a trabalhar seus conflitos mais variados. Ele deixou catalogado os estudos de 38 essências florais que são usadas desde a década de 30 com grande sucesso. Essa terapia é complementar e não exclui de maneira nenhuma o tratamento médico ou psicológico. Mas Dr. Bach dizia que a razão principal do fracasso da medicina moderna está no fato de ela se ocupar dos efeitos e não das causas das doenças. Não se pode olhar o ser humano em partes, pois a doença de um órgão, representa a doença do homem inteiro. Em sua pesquisa concluiu que, se sentimos uma repetitiva desarmonia em determinado local, lá também estarão as plantas que ajudarão a nos libertar desse estado. E essas nos serão mais apropriadas que as outras que talvez passe pela mesma experiência em outros ambientes.

Em seu livro *Cura-te a ti mesmo*, Dr. Bach descreve algumas verdades fundamentais que devem ser reconhecidas para a compreensão da natureza das doenças. A primeira delas é que todo homem possui uma Alma, uma semente divina que nos guia, orienta, protege e que na verdade é nosso Eu Verdadeiro. Nosso corpo representa apenas um veículo material e temporário de manifestação da Alma, que usa deste corpo para realizar experiências de aprimoramento moral e espiritual. Outra questão levantada por Dr. Bach é que nossos conflitos internos ou externos aparecem quando nossas personalidades não estão em harmonia com nosso propósito interior.

A Terapia floral segue os mesmos passos e a mesma simplicidade de cura que a homeopatia adotaram como sistema terapêutico - “o semelhante cura o semelhante”. O que o terapeuta, o psicopedagogo e todos aqueles que se dedicam a área da saúde precisam saber é definir qual arquétipo comum, que se apresenta como pano de fundo por trás de cada queixa de seu paciente. Se observarmos atentamente a linguagem de um determinado sintoma, podemos descobrir que a “doença”, nada mais é do que um sinal que o corpo físico emite dizendo que alguma característica precisa ser reavaliada em nosso comportamento, que ainda não estamos “inteiros” falta algo em nosso caminho em rumo à totalidade.

“As doenças reais e básicas do homem são certos defeitos como o orgulho, a crueldade, o ódio, o egoísmo, a ignorância, a instabilidade e a ambição; e se cada um deles for considerado individualmente, notar-se-á que todos são contrários à Unidade.” (BACH in Silva 1997:121)

A base da terapia floral está no reino vegetal, pois este segue sua trilha evolutiva, refletindo sempre o reino humano em desarmonia. A mesma assinatura que uma planta apresenta, podemos observar a mesma analogia nas características da personalidade. A flor representa o estado de máxima expansão da alma vegetal.

Na terapia floral o indivíduo passa por uma consulta, onde é feita anamnese para se conhecer o paciente. Toda informação, se faz necessária, pois o paciente será tratado conforme seus conflitos que podem ser de ordem física ou emocional. Acredita-se que para uma doença se manifestar no plano físico, ela passa primeiramente pelo plano mental. Por exemplo: uma pessoa muito intolerante pode desenvolver uma reação física alérgica, demonstrando assim uma aversão ao seu meio ambiente, o que resultou em um sintoma físico.

5.1 Mecanismo de Atuação dos Florais

“Era o método simples que ele (Bach) havia procurado, a simplicidade das coisas poderosas, porque o fogo, a terra, o ar e a água, os quatro elementos, estavam incluídos e trabalhavam juntos para produzir remédios de grande poder. A terra para nutrir a planta, o ar do qual se alimenta, o sol e o fogo lhe infundem seu poder e a água recolhe e enriquece seu poder curativo.” (PASTORINO in Silva, 1997:198)

As essências florais vão atuar nos aspectos mais sutis (emoções e pensamentos). Se o floral vai trabalhar com sutilezas comportamentais, daí passamos a entender o motivo de sua alta diluição. O tratamento floral é recomendado nos primeiros instantes de vida do ser humano, e pode ser usado por tempo ilimitado, conforme a necessidade. Mas por ele cuidar de desarmonias na personalidade, acredita-se que o ser humano nunca está isento de certos conflitos psicológicos, como os estudados pela psicanálise. O produto floral não apresenta contra indicação, nem efeitos colaterais. A terapia floral não substitui o tratamento médico convencional, mas o auxilia, sendo, de acordo com o pronunciamento da Organização Mundial da Saúde “uma terapia recomendável e eficaz”.

5.2 A Terapia Floral Associada ao Atendimento Psicopedagógico

“Se tivermos em nossa natureza amor suficiente por todas as coisas, não seremos a causa de agravo a ninguém; pois esse amor sustenta o gesto agressor, e impedirá nossa mente de se entregar a qualquer pensamento que possa magoar alguém.” (BACH in Silva 1997:199 - 200)

O terapeuta floral não precisa de formação acadêmica, para ser intitulado. Existem cursos de formação na área de florais, que possibilita o trabalho nesta área. Todo e qualquer conhecimento que envolva o ser humano, sobre as relações interpessoais, de uma simples dona de casa, de um profissional da área da educação ao profissional da área da saúde são complementares e se faz necessário para aprimorar o atendimento associado aos florais.

A Psicopedagogia por se encarregar de estudar , compreender e atuar na dificuldade de aprendizagem exposta pelo aluno, pode Ter como aliada em seu tratamento psicopedagógico a Terapia Floral. Depois de falarmos tanto sobre o desenvolvimento da aprendizagem, sobre as teorias da psicanálise, entramos em um mundo complexo que é o ser humano. Para conhecê-lo e também compreendê-lo, utilizamos de muitas teorias de diversos autores. Mas, para tratar o problema mais de perto o psicopedagogo ao diagnosticar um dado problema necessita encaminhar o aluno para outros profissionais, por não Ter o suporte necessário dependendo do conflito existente. Além do encaminhamento do paciente para um outro profissional, podemos trazer a terapia floral como auxílio nos diversos problemas de comportamento que ocasionam as dificuldades na aprendizagem.

A partir do primeiro contato com a família ou o próprio paciente, o psicopedagogo clínico, após conhecer a história de vida do paciente através da

anamnese, poderá elaborar o que deve ser feito em termos de trabalho psicopedagógico. A indicação do floral auxiliaria no processo de cura, uma vez que ele atua nos aspectos emocionais, onde se encontra a causa de qualquer conflito. O método de investigação para se indicar o floral seria a anamnese já feita no trabalho psicopedagógico, uma vez que o psicopedagogo já está a parte de como é o comportamento do aluno e sua relação com o meio. Nesta consulta é necessário todo o tipo de investigação, podendo recorrer à psicanálise como exemplo. O floral é preparado de forma personalizada de acordo com o comportamento do paciente. Ele vai colaborar para sanar os conflitos que impedem o pleno desabrochar da personalidade, conduzindo o aluno a ser ele mesmo, utilizando suas potencialidades e tendo mais consciência de como enfrentar suas próprias dificuldades.

O tratamento seria a indicação de um frasco de 30 ml com as essências florais, com uma posologia padrão de 4 (quatro) gotas 4 (quatro) vezes ao dia. O aluno poderia fazer o uso dos florais por um período de 2 (dois) meses.

5.3 A responsabilidade do educador perante o educando

“Que a maior dita dos filhos da terra seja somente a personalidade”.
(GOETHE, in Jung, 1990:126)

De acordo com Jung, o mais forte dos desejos consiste no desenvolvimento daquela totalidade do ser humano à qual se dá o nome de personalidade. Hoje um dos ideais pedagógicos é a “Educação para a personalidade”. O desejo intenso de encontrar uma personalidade se converteu em problema real, causa de muitas preocupações atuais.

A formação do indivíduo se faz desde seus primeiros anos de vida, onde não podemos negar a importância da educação infantil, onde é nesta fase que são manifestos

graves danos, que muitas vezes perduram a vida inteira, causados por uma educação precária, tanto em casa como na escola.

Os educadores também passaram por esta formação infantil, e com certeza não foram livres também de danos em sua própria formação da personalidade. Pressupomos então que se alguém quer educar, que primeiro seja educado. Os métodos mecânicos praticados na escola pelos educadores, não é educação de forma alguma, nem para a criança, nem para o próprio educador. Se para adquirir uma personalidade, dizem que a criança deve ser educada, mas quem educa para a formação da personalidade?

Essas crianças, são aquelas que geralmente estão nas mãos de pais psicologicamente doentes, que ainda não resolveram seus próprios conflitos infantis. E quem é que ensinaram para esses pais a também terem uma “personalidade”.

Conseqüentemente, ao ir para escola, esta criança cai nas mãos de professores e pedagogos, supostamente “educados”, que possuem também seus próprios conflitos. Quem poderia provar que estes profissionais também não tiveram uma educação defeituosa? Caímos então em um círculo vicioso, onde o nosso problema educacional tem orientação falha. Fala-se muito da criança, mas se esquece da criança que existe no adulto.

Ao ver que pessoalmente que sua personalidade está distante da totalidade, o educador pressente esta falha e vai em direção da educação da criança e se entusiasma pela psicologia infantil. Inconscientemente admite que não pode corrigir na criança os erros que ainda continuam a cometer. Através deste raciocínio chegamos à conclusão de que tudo aquilo que quisermos mudar nas crianças, devemos primeiro examinar se não é

algo que é melhor mudarmos em nós mesmos, por exemplo, nosso entusiasmo pedagógico.

“A personalidade já existe em germe na criança, mas só se desenvolverá aos poucos por meio da vida e no decurso da vida. Sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade.” (JUNG, 1990:176)

Muitas vezes o que acontece com a criança ao viver este tipo de situação onde recebe a projeção dos pais e dos educadores se torna uma imitação de adulto precocemente. A maioria dos pais impõe aos filhos o que acham melhor para si (as ambições que nunca realizaram), não respeitando a individualidade de seus filhos. Estes filhos inconscientemente revoltados provocam monstruosidades na educação (indisciplina, desatenção, etc).

Percebe-se então que não é a criança, mas sim o adulto quem pode atingir a personalidade, através de sua maturidade adquirida pelas experiências da vida. E que a criança precisa desenvolver-se para poder ser educada.

O tratamento floral é também de extrema importância para o profissional que está lidando com o paciente.

“No adulto está oculta uma criança, uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação. (JUNG, 1990: 175)”.

A relação terapeuta ou psicopedagogo x paciente, precisa ser sadia, madura e aproveitável. Se o profissional não lida, não toma consciência e não cuida de suas frustrações infantis, que com certeza existem, não poderá desempenhar um papel imparcial no tratamento psicopedagógico. As essências florais entrariam como um tratamento não só para o paciente, ambos podem se beneficiar de sua eficácia.

6 Os Florais de Minas

Baseado nos trabalhos desse médico inglês o Doutor em Ciências pela USP, Breno Marques da Silva e pedagoga e pesquisadora Ednamara Batista Vasconcelos e Marques desenvolveram o sistema Florais de Minas, onde são usadas as flores do quadrilátero ferrífero mineiro. Suas pesquisas se baseiam em informações sobre as civilizações Atlantes e Lemuriana, os pensadores pré-socráticos, Platão, os médicos botânicos primitivos, os simplistas da Idade Média, os farmacêuticos da Renascença e de muitos escritores contemporâneos, juntamente com os estudos relacionados à Mitologia, Filosofia e a Etimologia.

Os Florais de Minas são constituídos por um conjunto de 108 essências, cuja pesquisa foi mais além da iniciada por Dr. Bach. As técnicas empregadas na sua preparação assemelham-se àquelas descobertas pioneiramente pelo Dr. Bach, na década de trinta. A metodologia usada na determinação das virtudes terapêuticas de cada vegetal envolve uma pesquisa holística, envolvendo uma abordagem intuitiva, simbólica, analógica e também empírica.

As essências Florais de Minas possuem uma estruturação bem definida, classificando-se de acordo com os agrupamentos mentais propostos pelo Dr. Edward Bach.

Existem florais para o medo, para a incerteza, para a falta de interesse nas circunstâncias, para a preocupação excessiva, para a supersensibilidade, para o desalento e para a solidão.

As descrições de cada essência são personalizadas e, como na homeopatia clássica, procura-se tratar o indivíduo e não, os sintomas físicos o tratamento com as essências florais segue a convicção de que a cura deve ser suave, e em nenhuma hipótese mais dolorosa que a doença. Deve-se dar enfoque aos traços da personalidade que estão em desarmonia, pois não adianta cuidar dos sintomas físicos se a causa do problema não for sanada.

6.1 Repertorizando Algumas Essências

“Muitos de nós estão mais próximos da própria Alma na infância e na adolescência do que anos mais tarde.” (BACH, in Silva, 1997:203)

É interessante notar que a criança parece começar a desenvolver melhor seu processo de aprendizagem quando muda sua própria postura com relação às pessoas que a cercam. Se se reflete sobre alguns casos de crianças com dificuldade no processo de aprendizagem percebemos o quanto o afeto e a integração podem fazer a diferença.

Pode-se citar algumas essências que trabalham estes distúrbios de aprendizagem. É importante frisarmos que quanto mais cedo iniciar o tratamento com os florais, mais benefício terá a criança em seu desenvolvimento físico e emocional e conseqüentemente a harmonia entre as pessoas com as quais convive.

6.1.1 Fórmula de Aprendizado

Palavras chaves: Aprendizado; Compreensão; Memorização; Concentração; Globalização; Amadurecimento; Integração; Convivência; Síntese; Focalização; Sabedoria; Humildade; Ignorância; Estupidez; Insensibilidade; Doenças Periódicas; Dispersão; Excepcionais; Repetência; Assimilação; Digestão.

Fórmula composta pelas essências Salvia, Margarites, Lavandula, Rosmarinus, Taraxacum, Piperita, Tabebuia, Lantana e Sonchus. Deve ser empregada em todas as situações em que haja dificuldades gerais de compreensão, aprendizado, memorização, concentração, síntese, globalização, amadurecimento, integração e convivência mútua. É de especial valor no tratamento de excepcionais, crianças ou adultos, acelerando muito o desabrochar desses conceitos. Pode ser usada beneficemente nos casos de crianças desatentas na escola ou com quaisquer das dificuldades acima. Para aqueles que sentem necessidade, em algum momento da vida de extrair o máximo de lições de suas experiências, pois sentem que estão sempre repetindo erros. Esta fórmula favorece a verdadeira cura em seu nível mais profundo de significação, pois alia e desperta o cultivo da sabedoria e da humildade.

6.1.2 Lavandula

Palavras chaves: Auto-confiança; Fé, Coragem; Perseverança; Otimismo; Indecisão; Criatividade; Auto-estima; Maturidade; Progresso; Vitória; Regressão; Atraso; Timidez; Medo; Retraimento; Hesitação; Força; Capacidade; Espontaneidade; Liberdade; Inquietação; Frustração; Nervosismo; Problemas Psicossomáticos; Calma; Desânimo; Fracasso; Vontade; Desabrochar; Conclusão; Aspiração; Florescimento; Infantilidade; Iniciativa; Impotência; Adolescência; Aprendizado; Limitação; Exame; Provação; Auto-controle.

Para aquele indivíduo talentoso, capaz e com suficiente força de vontade, que está sempre perseguindo seus objetivos, porém nunca consegue finalizar seus projetos. A pessoa tem sempre a sensação vaga de estar preso a alguma coisa que prejudica seu pleno desabrochar, a sua completa realização. Para as situações onde há atrasos no

pleno florescimento biológico ou psíquico. Deve ser ministrada quando há falta de iniciativa, imaturidade, hesitação, perdas de autoconfiança e sentimentos de inferioridade e de impotência física ou psíquica. Lavandula traz as energias de autoconfiança e de auto-realização, auxiliando a personalidade a construir um conceito mais amplo de vontade e poder. Ela reforça o eu debilitado, esquecido de suas próprias reservas internas de força e coragem. Coadjuvante nas dificuldades de aprendizado e no desenvolvimento dos excepcionais.

6.1.3 Margarites

Palavras chaves: Síntese; Globalização; Intuição; Multiplicidade; Conexão; Dinamização; Vidência; Despertar; Aprendizado; Coordenação; Harmonia; Visão Mandálica; Informação; Racionalismo; Esterilidade; Conjunto; Aridez; Fragmentação; Interdisciplinar; Particular; Coletivo; Especialização; Estatística; Ilusão; Aparências; Separatividade; Independência; Percepção; Integração; Consciência.

Para as pessoas com uma visão fragmentária da vida e que não conseguem correlacionar os eventos, devido à ilusão que as aparências externas lhes causam. A essência permite ao ser, englobar muitas informações num todo integrado, ajudando-o a galgar novos estágios de consciência. É recomendável para os deficientes mentais, excepcionais em geral e também para aqueles que se dedicam ao trabalho terapêutico, que precisam lidar e integrar um conjunto grande de informações, aparentemente desconexas e disponíveis na entrevista. Margarites ajuda a cultivar um modo de pensar e de sentir “intensificados”, “goethianos”, em que a mente e o coração, a razão e a intuição, são aliadas e apalpm o objeto de interesse “por fora e por dentro”, procurando aquele “pano de fundo” oculto que a tudo interliga. Trata-se de uma lente ampliadora da

capacidade de síntese e globalização. Coadjuvante na harmonização e no sincronismo da fisiologia glandular ou endócrina.

6.1.4 Rosmarinus

Palavras chaves: Fecundidade; Criatividade; Proliferação; Enraizamento; Vivacidade; Presença; Participação; Ligação; Vínculos; Encarnação; Fantasias; Sonhos; Indiferença; Ausência; Imaginação; Sonolência; Desfalecimentos; Memória; Distração; Concentração; Entusiasmo; Vitalidade; Centramento; Ancoramento; Entusiasmo; Coração; Futuro; Circulação; Aprendizado; Realidade; Versatilidade.

Para o indivíduo que vive quase constantemente afastado da realidade perceptiva, envolto em seu mundo próprio de fantasias e sonhos. Para os tipos aéreos, “avoados”, cuja mente fugidia vaga caoticamente em elucubrações de um futuro diferente, remoto e fantástico. A essência fortalece a ligação entre o corpo físico e os planos mais sutis, sendo assim certo tipo de “fertilizante psicológico”. Rosmarinus é útil para as crianças desatentas na escola e também como coadjuvante para acelerar o aprendizado dos excepcionais. A essência exerce uma ação tonificante sobre o eu, acentuando a presença do indivíduo na realidade, reforçando, agitando e aquecendo o sangue, ampliando a voz e a força do coração. Ajuda a manter estreitamente ligados os vários corpos, sendo assim imprescindível para uma vida sadia. Trata-se de um remédio emergencial, quando as ligações entre os diversos níveis de manifestação são temporariamente ameaçadas, como, por exemplo, nos desmaios ou perdas de consciência. A essência traz ao nosso nível consciente uma energia de criação divina, ligada aos nossos propósitos supremos aqui na Terra. Rosmarinus é auxiliar nos

distúrbios circulatórios em geral, nas debilidades senis, nas perdas da memória e nas dificuldades de concentração.

6.1.5 Lantana

Palavras chaves: Coletividade; Reuniões; Assembléias; Relacionamentos; Ambientes; Ecológico; Manifestação; Individualidade; Coletividade; Compreensão Mútua; Propósito Comum; Camaradagem; Empatia; Harmonização; Reciprocidade; Cooperação; União; Bem-Comum; Convivência; Fraternidade.

Trata-se de uma essência floral apropriada para a harmonização de grupos humanos reunidos em assembléias, congressos, locais de trabalho, escolas, hospitais, casas de detenção, creches, asilos, retiros, meditações, viagens, festas, simpósios e quadras de diversão em geral. Para as situações que exigem a necessidade de equilíbrio entre as manifestações individual e coletiva, entre o saber ouvir e o saber falar, ou quando o propósito grupal necessita de elevação em seu padrão vibratório. Ajuda a pessoa a captar em maior profundidade a psique do outro, criando assim um plano de maior entendimento mútuo. A essência pode ser empregada como tradicionalmente, por via oral, porém, também é eficientemente usada por aspersão.

6.1.6 Piperita

Palavras chaves: Vivacidade; Presença; Alerta; Concentração; Percepção; Lucidez; Atividade; Integridade; Regulação; Compreensão; Sensorialidade; Aprendizado; Propósito; Força; Realização; Conquista; Presença; Rapidez; Iniciativa; Comando; Ação; Focalização; Discernimento; Sincronismo; Vivacidade.

Para o indivíduo física e mentalmente lento. Útil para aquele que demora muito a ter um claro discernimento das situações da vida, pois se atrasa em reunir os elementos necessários para a análise interior. É uma essência aglutinadora da personalidade, trabalhando sua consistência, sua integridade e regulação, favorecendo o sincronismo com as exigências de crescimento. Piperita trabalha na alma a rapidez e a justeza dos mínimos julgamentos que somos constantemente obrigados a elaborar. Trata-se de uma essência de aprendizado, útil às crianças com dificuldades escolares ou vítimas de algum acidente neurológico, o qual lhes possa ter deixado seqüelas. Piperita desperta maior capacidade de digerir as impressões sensoriais, contribuindo para que a pessoa possa estar vivamente presente nas circunstâncias do seu dia-a-dia.

6.1.7 Sonchus

Palavras chaves: Otimismo; Confiança; Fé; Coragem; Alegria; Entusiasmo; Determinação; Perseverança; Bravura; Positivismo; Animação; Crença; Teimosia; Dúvidas; Obstáculo; Obstinação; Vacilação; Pessimismo; Derrotista; Depressão Exógena; Reprogramação; Insegurança; Persistência; Continuidade; Resistência; Esperança.

Para os indivíduos pessimistas, que se desanimam com muita facilidade frente ao menor obstáculo e tendem a sofrer depressão, quando aparecem os fracassos. Para aqueles negativistas, que estão sempre lançando dúvidas sobre as boas perspectivas, faltando-lhes um mínimo de fé. A essência deve ser usada sempre que houver depressão ou melancolia, cujas causas possam ser identificadas. Útil quando houver recaídas durante o tratamento. Deve ser indicada em todas as situações em que possa haver vacilações, dúvidas, incertezas, desencorajamento, pessimismo, negativismo e falta de

confiança. Sonchus traz a luz do sol interno para disseminar as densas sombras que os pequenos obstáculos lançam sobre essa personalidade. Os conceitos de fé, esperança e crença são então evocados na alma.

6.1.8 Taraxacum

Palavras chaves: Vontade; Fervor; Aprendizado; Detalhismo; Ímpeto; Visão; Apreensão; Compreensão; Interpretação; Fanatismo; Superficialidade; Suporte; Obstáculos; Cristalização; Intuição; Ilusão; Realidade; Sabedoria.

Para as personalidades com uma visão muito grosseira e superficial das experiências cotidianas, as quais têm dificuldades de “digerir” a realidade, pois o fazem sem analisar detalhadamente os fatos. Taraxacum desperta na pessoa os conceitos mais amplos de vontade e de aprendizado espirituais, sugerindo um reenfoque de nossa lente mental, no sentido de vermos mais minuciosamente nosso próprio ser interior e também seus símbolos externos. O remédio floral nos ampara ao mergulharmos na profundidade da vida, realçando os contrastes e as transições, mostrando a continuidade das seqüências e, enfim, resgatando a dignidade do detalhe como participante da vida do todo. A essência é útil nos casos em que há resistência à terapia floral, principalmente na falta de efeitos aparentes, devido ao enrijecimento dos corpos internos ou à intromissão excessiva do corpo etérico no corpo físico. Taraxacum refina a interação da alma com a realidade externa. A essência age como um depurativo, sendo coadjuvante na eliminação de resíduos e impurezas do sangue.

7 Estudo de Caso

Na cidade de Itaúna - MG, uma criança chamada J.M.F, sexo masculino, 8 anos, 2ª série, filho de pai comerciante e mãe doméstica, apresenta traços de hiperatividade. Desde pequeno é irritado, agitado, mas é lento para fazer dever, passou um ano na escola sem fazer quase nada. Este ano já deu “piti” duas vezes. Ano passado até pulava o muro da escola. Em casa quando o primo vai brincar com ele, fala que o menino está andando atrás dele. Quando quer é carinhoso, mais do que o irmão que tem 10 anos. Entrou para primeira série fora da faixa de idade. Na escola ficou de castigo nos primeiros dias e isso lhe causou muita raiva. A mãe o levou ao neuropediatra, onde receitou Tofranil, aí ele acalmou. Tomou um ano e depois a mãe tirou por sua conta. Foi para a psicóloga, ficou quase um ano e começou a aceitar mais as coisas em casa, na escola não apresentou diferença. Não deu continuidade ao tratamento. A briga da mãe com ele é persistente e ela nem sabe se quer resolver este problema. A mãe relatou que é adotiva, ficou sabendo aos 7 anos e foi horrível. Aos 15 anos a mãe adotiva morreu e assim foi procurar sua mãe verdadeira. A mãe morreu com ela e o pai adotivo morreu 10 meses depois com ela também. Logo após morreu a irmã com quem ela mais convivia. Tudo isto nesses dois últimos anos. Ela quis procurar sua mãe verdadeira mas não foi ainda. Na gravidez de J.M.F, o pai deitava na barriga da mãe e dizia: “Não sai daí não, o mundo aqui fora é muito ruim”. O período de gravidez foi problemático, situação financeira muito difícil e J.M.F foi inesperado. A mãe pensou até em aborto, mas ficou com medo. Ele nasceu de cesária, o pai acompanhou a mãe no hospital. Nasceu com boa saúde, mas não dormia à noite, chorava muito. Engatinhou e começou a andar com 1 ano, e falou antes de 1 ano. Falava muito errado e fala até hoje. Foi amamentado somente 15 dias. Até hoje não repetiu nenhuma série, mas a preocupação

básica dos pais é que ele dá trabalho, briga com todo mundo é muito agressivo, não obedece, nervoso e não gosta de estudar. O pai tem uma relação difícil com a mãe. O filho já foi encaminhado a um neurologista e novamente a um psicólogo, mas a consulta ainda não foi feita, por dificuldades financeiras. Foi indicado a um terapeuta floral através da escola.

Através de toda a análise dos fatos descritos na anamnese pode-se obter uma noção de como é o estado emocional desta criança. Dá para se comprovar que existe causa suficiente para que ela tenha tal tipo de comportamento que a prejudica na escola e na sua convivência familiar e que se tais características comportamentais não forem levadas em conta seria impossível a resolução do problema.

Os pais decidiram leva-lo ao terapeuta floral, que foi o mesmo quem fez a anamnese e pode constatar bem de perto o problema. Para esta criança foi indicado as essências florais que mais tinham relação com o seu caso:

- ✓ Impatiens, Nicociana, Sambucus, Vernônia, Vervano, Nigrum e Fórmula do Aprendizado.
- ✓ A essência floral Impatiens agiria nos aspectos de ansiedade, tensão, irritabilidade, agressividade, nervosismo, problemas psicossomáticos, etc.
- ✓ Nicociana, para a agitação psicomotora.
- ✓ Sambucus, para a falta de controle do próprio corpo físico (concentração e coordenação motora), comportamento desordenado e fortemente agressivo.

- ✓ Vernônia, para a desobediência, conflitos de autoridade e insubordinação, e desorganização;
- ✓ Vervano, para o nervosismo, raiva, agressividade.
- ✓ Nigrum, para a remoção de traumas e sofrimentos, e ainda cicatrizante das feridas psíquicas.
- ✓ Fórmula de aprendizado, para a desatenção na escola, a falta de interesse pelas circunstâncias e todas as dificuldades de aprendizado.

Foi indicado quatro vidros de 30 ml, manipulado com todas estas essências florais. Posologia de 4 gotas, 4 vezes ao dia, para ser consumido durante 3 meses. Após o tempo de tratamento seria necessário o retorno, para avaliar os resultados.

Passado os três meses, J.M.F, retorna para uma nova consulta. Primeiramente a mãe que o acompanhava, chegou agradecendo pela ajuda que o filho recebera e conversando mais sobre a situação, o terapeuta pôde constatar realmente as melhorias. J.M.F estava mais calmo, menos agressivo, menos irritado e mais obediente. Essas melhoras foram acontecendo consecutivamente, dia após dia, o que refletiu em sua convivência em casa e em seu desenvolvimento escolar. Começou a ter mais interesse pela escola o que era uma prioridade no tratamento.

J.M.F conseguiu se equilibrar tanto emocionalmente quanto fisicamente, sua hiperatividade começou a ser controlada o que iria refletir em vários aspectos de sua vida. O terapeuta indicou a um pediatra, e a um psicopedagogo. Iria fazer alguns exames para saber como estava sua saúde e passar por uma boa estimulação

psicopedagógica como forma de complementar e auxiliar o tratamento com os florais. Mas os fatores que o incomodavam mais, já tinham começado a ser solucionados e devido às boas melhoras a mãe de J.M.F quis que a terapia floral prolongasse por mais tempo.

8 Conclusão

Ao final deste estudo envolvendo um assunto de tão importância para os dias atuais – aprendizagem escolar - pude concluir que se formos cada vez mais fundo na investigação do ser humano, poderemos achar os meios necessários para resolução e a evolução da educação. Passamos por um momento que exige uma reformulação em todo o sistema educacional. Já não vivemos mais naquele tempo onde o professor “fingia que ensinava e o aluno fingia que aprendia”. A maneira como se dá a aprendizagem é um fator exclusivo e particular de cada ser humano. Não me refiro somente à aprendizagem escolar, mas qualquer assimilação cognitiva em relação ao conhecimento da vida.

No momento em que o aluno for respeitado da maneira como ele é e não como mais um dentro da sala de aula, o professor ou o psicopedagogo estará comprometido com um “universo” de informações que poderão levá-lo ao cerne da questão: Para este aluno, como se dá a aprendizagem?

Tanto professores, psicopedagogos e alunos possuem dificuldades e potencialidades que fazem parte de suas características psicológicas. E para que haja uma boa interação entre educador e educando, cada um deve saber se compreender, conhecer e assumir a responsabilidade no ato de “ensinar”, pois o aprendizado não só de conteúdos educacionais se faz a todo instante e é inteiramente recíproco. É neste momento que se abre um leque de interrogações através das vivências e experiências diárias.

De acordo com minha pesquisa percebi que existem alternativas que podem ser incluídas para facilitar o processo de aprendizagem e que através de uma perspectiva mais ampla é possível melhorar o sistema educacional se primeiro buscarmos a melhoria de nós mesmos.

9 Bibliografia

FERNÁNDEZ, Alícia. *A inteligência Aprisionada abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Trad. Iara Rodrigues, 2ª reedição, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas

FURTH, Hans G. *Piaget e o Conhecimento fundamentos teóricos*. Trad. Valerie Rumjanek Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 1974.

JUNG, Carl Gustav. *Freud e a Psicanálise*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth, 2ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1990.

_____. *O Desenvolvimento da Personalidade*. Trad. Frei Valdemar do Amaral, 5ª edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

SILVA, Breno Marques da. *As essências florais de Minas: síntese para uma medicina de almas*. 2ª edição, São Paulo, Ed. Aquariana, 1997.

_____. *Os Remédios Florais de Minas*. Belo Horizonte, Ed. Luzazul Cultural, 1992.

_____. *As essências florais de Minas: criatividade e espiritualidade segundo os passos da profecia celestina*. 2ª edição, São Paulo, Ed. Aquariana, 1997.

_____. *As essências florais de Minas: casos clínicos e depoimentos*. vol.1, 1ª edição, Divinópolis, Edições Florais de Minas, 1995.